



JEFFREY D. SACHS

Professor e diretor do Center for Sustainable Development da Universidade de Columbia e presidente da Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

As guerras da América e a crise da dívida dos EUA

No ano 2000, a dívida pública dos Estados Unidos era de 3,5 bilhões de dólares, equivalente a 35% do produto interno bruto (PIB). Em 2022, a dívida era de 24 bilhões de dólares, equivalente a 95% do PIB. A dívida dos EUA está a subir, daí a atual crise americana. No entanto, tanto os republicanos como os democratas estão a deixar passar a solução: interromper as guerras escolhidas pela América e reduzir os gastos militares.

Suponhamos que a dívida pública tinha permanecido em modestos 35% do PIB, como em 2000. A dívida de hoje seria de 9 bilhões de dólares, em vez de 24 bilhões de dólares. Por que é que o governo dos EUA incorreu no excesso de 15 bilhões de dólares em dívida?

A única resposta é o vício da administração dos EUA com guerras e gastos militares. De acordo com o Watson Institute da Brown University, o custo das guerras dos EUA entre o ano fiscal de 2001 e de 2022 totalizou 8 bilhões de dólares, mais de metade dos 15 bilhões de dólares extra em dívida. Os outros 7 bilhões de dólares correspondem aproximadamente aos défi-

ces orçamentais causados pela crise financeira de 2008 e pela pandemia de covid-19.

Para superar a crise da dívida, os Estados Unidos têm de parar de alimentar o Complexo Militar-Industrial (MIC), o lóbi mais poderoso em Washington. Como o presidente Dwight D. Eisenhower, numa famosa declaração, advertiu a 17 de janeiro de 1961: “Nos conselhos dos governos, devemos proteger-nos contra a influência injustificada, procurada ou não, do complexo militar-industrial. O potencial para o aumento desastroso de um poder inapropriado existe e persistirá”. Desde 2000, o MIC levou os EUA a guerras desastrosas no Afeganistão, Iraque, Síria, Líbia e agora na Ucrânia.

O Complexo Militar-Industrial há muito que adotou uma estratégia política vencedora ao garantir que o orçamento militar chega a todos os distritos dos membros do Congresso. O Serviço de Investigação do Congresso lembrou recentemente que “os gastos com defesa atingem os distritos de todos os membros do Congresso por via de salários e benefícios para militares e aposentados, impacto económico e ambiental das instalações e aquisição de sistemas de armas e peças da indústria local, entre outras atividades”. Apenas um corajoso membro do Congresso votaria contra o lóbi da indústria militar, mas a bravura não é certamente uma marca registada do Congresso.

A despesa anual com o setor militar dos Estados Unidos está agora em torno de 900 mil milhões de dólares, cerca de 40% do total mundial e superior aos 10 países seguintes juntos. Os gastos militares dos EUA em 2022 foram o triplo dos da China. De acordo com o Comité Orçamental do Congresso, a despesa prevista para 2024-2033 ficará em impressionantes

10,3 bilhões de dólares, considerando a base atual. Um quarto, ou mais, desse valor poderia ser evitado com o fim das guerras escolhidas pela América, através do encerramento de muitas das cerca de 800 bases militares americanas em todo o mundo e da negociação de novos acordos de controlo de armas com a China e a Rússia.

No entanto, em vez de paz por meio da diplomacia e responsabilidade orçamental, o MIC assusta regularmente o povo americano com representações de vilões ao estilo de livros de banda desenhada, que os EUA têm de enfrentar a todo o custo. A lista pós-2000 incluiu os Talibã no Afeganistão, Saddam Hussein no Iraque, Bashar al-Assad na Síria, Moammar Kadafi na Líbia, Vladimir Putin na Rússia e, mais recentemente, Xi Jinping na China. A guerra, dizem-nos repetidamente, é necessária para a sobrevivência da América.

Uma política externa voltada para a paz sofreria uma forte oposição do lóbi militar-industrial, mas não do público. Significativas pluralidades públicas já querem menos, não mais, envolvimento dos EUA nos assuntos de outros países, e menos, não mais, destacamentos de tropas dos EUA no estrangeiro. Em relação à Ucrânia, os americanos querem um “papel menor” (52%) em vez de um “papel importante” (26%) no conflito entre a Rússia e a Ucrânia. É por isso que nem Joe Biden nem nenhum presidente recente ousou pedir ao Congresso qualquer aumento de impostos para pagar as guerras da América. A resposta do público seria um sonoro “Não!”

Embora as guerras escolhidas pela América tenham sido terríveis para a América, foram desastres muito maiores para os países que a América pretende salvar. Como diz a famosa piada de Henry Kis-

singer: “Ser um inimigo dos Estados Unidos pode ser perigoso, mas ser um amigo é fatal”. O Afeganistão foi a causa da América entre 2001 e 2021, até que os EUA o deixou destruído, falido e com fome. A Ucrânia está agora nas mãos dos Estados Unidos, com os mesmos resultados prováveis: guerra contínua, morte e destruição.

O orçamento militar poderia ser cortado de forma prudente e profunda se os EUA substituíssem as suas guerras de eleição e corridas ao armamento por real diplomacia e acordos sobre armas. Se os presidentes e os congressos tivessem dado atenção às advertências dos principais diplomatas americanos, como William Burns, embaixador dos EUA na Rússia em 2008 e agora diretor da CIA, os EUA teriam protegido a segurança da Ucrânia através da diplomacia, concordando com a Rússia que os EUA não expandiriam a NATO para a Ucrânia se a Rússia também mantivesse os seus militares fora da Ucrânia. No entanto, a expansão implacável da NATO é uma das causas favoritas do MIC; os novos membros da NATO são os principais clientes do armamento dos EUA.

Enfrentar o lóbi militar-industrial é o primeiro passo vital para colocar em ordem a casa orçamental dos Estados Unidos.

Os EUA também abandonaram unilateralmente os principais acordos de controlo de armas. Em 2002, os EUA abandonaram unilateralmente o Tratado de Mísseis Antibalísticos. E, em vez de promover o desarmamento nuclear, como os EUA e outras potências nucleares devem fazer de acordo com o Artigo VI do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, o Complexo Militar-Industrial vendeu ao Congresso planos para gastar mais de 600 mil milhões de dólares até 2030 para “modernizar” o arsenal nuclear dos EUA.

Agora, o MIC está a falar sobre a perspetiva de uma guerra com a China por causa de Taiwan. Os tambores da guerra com a China estão a alimentar o orçamento militar, mas a guerra com a China é facilmente evitável se os EUA aderirem à Política Uma China que sustenta adequadamente as relações EUA-China. Tal guerra deveria ser impensável. Mais do que levar os EUA à falência, pode acabar com o mundo.

Os gastos militares não são o único desafio orçamental. O envelhecimento e o aumento dos custos com a saúde aumentam os problemas orçamentais. De acordo com o Comité Orçamental do Congresso, a dívida chegará a 185% do PIB até 2052 se as políticas atuais permanecerem inalteradas. Os custos com saúde devem ser limitados, enquanto os impostos sobre os ricos devem ser aumentados. No entanto, enfrentar o lóbi militar-industrial é o primeiro passo vital para colocar em ordem a casa orçamental dos Estados Unidos, o que é necessário para salvar os Estados Unidos, e possivelmente o mundo, da perversa política movida pelos lóbis nos Estados Unidos. ■

Os gastos militares dos EUA em 2022 foram o triplo dos da China.